

UMA MAFALDA ENTRE BRASIL E ARGENTINA,
NÃO MUITO MAIS QUE ISSO¹

Paulo Ramos

Doutor em Letras (Universidade de São Paulo)

Universidade Federal de São Paulo

contatopauloramos@gmail.com

Resumo: vizinhos geograficamente, Brasil e Argentina têm um vácuo a respeito de seus quadrinhos. Os leitores sul-americanos conhecem pouco a produção de histórias em quadrinhos nos dois países. Especificamente no caso do Brasil, o diálogo é restrito a poucos exemplos, muitos deles em torno da personagem Mafalda, de Quino. Há outros exemplos, mas não muito mais. Esta comunicação tem a intenção de recuperar os poucos casos de quadrinhos argentinos publicados no Brasil nos últimos 60 anos. Resgatar esses intercâmbios ajudaria a compreender, mesmo que de maneira limitada, quais são as possíveis razões que impedem um diálogo maior entre os dois países.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos; historietas; Brasil; Argentina

Tão perto, tão longe

Uma viagem aérea de São Paulo ao Japão não sai por menos de 25 horas, com uma escala no meio do trajeto. Para Paris, tomando como referência uma vez mais a cidade brasileira, o avião demora em torno de 11 horas. Para Madri, dez horas. A Nova York, o passageiro chega em nove horas e meia, às vezes até um pouco mais. Para Buenos Aires, o percurso aéreo é bem mais curto, algo em torno de duas horas e meia. A proximidade física entre Brasil e Argentina, no entanto, contrasta com a distância que

¹ Tradução para o português do título original, “Una Mafalda entre Brasil y Argentina, no mucho más que eso”, apresentado no 1º Congresso Internacional Viñetas Sueltas em 24 de setembro de 2010.

separa os dois países no tocante ao conhecimento mútuo de suas histórias em quadrinhos.

No caso específico do Brasil, os leitores tiveram poucos contatos com a produção argentina durante o século 20. Mafalda, série criada por Joaquín Salvador Lavado, o Quino, é a principal exceção. A personagem foi publicada em português por mais de uma editora, em diferentes momentos e formatos. O mesmo vale para os livros de cartuns do desenhista. Há outros exemplos pontuais, como as Mulheres Alteradas de Maitena ou as tiras de Macanudo, de Liniers. Mas não muito mais que isso.

Nestas linhas, procuramos recuperar a trajetória dos poucos casos de histórias em quadrinhos argentinas que conseguiram ser publicadas no Brasil e que ultrapassaram a barreira editorial que parece separar as duas nações vizinhas. Há os exemplos mais conhecidos, como a já mencionada criação de Quino, e outros, pouco lembrados, como a tradução de narrativas da revista argentina Rayo Rojo na década de 1950.

Tomamos como base para a exposição um primeiro levantamento sobre o tema, publicado por nós no livro Bienvenido – Um Passeio pelos Quadrinhos Argentinos (Ramos, 2010). Pretendemos, com este artigo, apresentar a pesquisadores e leitores argentinos e brasileiros uma história de aproximação entre os dois países por meio dos quadrinhos, até então pouco conhecida.

Dois Civitas, um mesmo produto

É difícil precisar a data exata de publicação no Brasil da primeira história em quadrinhos argentina. A falta de referências a respeito e a existência de poucos acervos completos de obras afins são dois dos fatores que turvam a memória acerca do assunto. Sabe-se, entretanto, que uma editora comum aos dois países ajudou a aproximar a produção vinda de Buenos Aires.

A Editorial Abril ganhou destaque na Argentina na segunda metade da década de 1940. Mantida por César Civita, tinha como trunfo os direitos de publicação dos personagens de Walt Disney. A empresa enveredou também pelos caminhos da aventura, importando histórias produzidas na Itália. O conteúdo europeu foi apresentado ao leitor em revistas como Rayo Rojo, Cinemisterio, Salgari e do super-herói Misterix.

Foi justamente com essas narrativas italianas, traduzidas para o português, que o irmão de César, Victor Civita, deu início a uma versão brasileira da Abril. Chamada

inicialmente de Editora Primavera, a empresa estreou com a revista Raio Vermelho, título em português da correlata argentina. O primeiro número chegou às bancas de jornal em maio de 1950. Produzido em formato horizontal, com 36 páginas em preto-e-branco, trazia três histórias: uma de Pantera Loura, outra de Kansas Kid e uma terceira de Misterix. Três meses depois, a editora lançava outro título que também já circulava pelos kioscos argentinos: Pato Donald.

A revista do personagem de Walt Disney continua sendo vendida nas bancas brasileiras, porém sem as mesmas vendagens e importância de outrora. As duas editoras seguiram caminhos diferentes ao longo das décadas seguintes. A Abril argentina preferiu priorizar as revistas de comportamento. A empresa irmã também, mas sem deixar os quadrinhos infantis de lado. As revistas Disney ajudaram a Abril brasileira a se tornar uma das principais editoras do país no segmento.

A pioneira Raio Vermelho, ao contrário de Pato Donald, durou apenas alguns anos. A última edição possivelmente é a de número 53, de fevereiro de 1953. Terminou de ser editada poucos meses antes do cancelamento de Misterix, personagem que havia ganhado revista própria no começo daquele ano. A edição de estreia do super-herói procurava relacionar as duas publicações por meio de uma chamada na capa: “com todos os heróis do Raio Vermelho”.

Oesterheld, Pratt e Solano López

Apesar da vida editorial curta, a Raio Vermelho marcou a estreia no Brasil do escritor argentino Héctor Germán Oesterheld. A publicação traduziu histórias de Bull Rocket, personagem criado por ele para a Abril. Na virada da década de 1940 para a seguinte, César Civita havia optado por produzir as histórias no próprio país. Para isso, trouxe da Europa um grupo de quadrinistas italianos. Um dos que vieram foi Hugo Pratt, que anos depois ficaria conhecido por criar as aventuras de Corto Maltese, publicadas em diferentes países – entre eles Brasil e Argentina.

A aventura inaugural de Bull Rocket foi também a primeira dele a ser publicada no Brasil, no número 31 de Raio Vermelho, de 15 de março de 1952 – em agosto do ano anterior, a revista passou a ser quinzenal. O protagonista, pessoa atlética e de amplo conhecimento, ajuda a desmascarar um espião em uma experiência nuclear. Na história,

o jornalista Bob torna-se seu assistente, parceria que marcaria outras narrativas da série. A criação de Oesterheld se tornou personagem regular da publicação da Abril brasileira.

Oesterheld, no entanto, não havia sido ainda oficialmente apresentado aos leitores brasileiros. Não havia menção ao nome dele nos créditos das histórias. A primeira referência ao escritor ocorreria apenas em 1958, ano em que histórias da revista *Hora Cero* foram traduzidas para o português, fato pouco conhecido, inclusive na Argentina. O primeiro número de *Hora Zero* – como foi batizada no Brasil – circulou entre os meses de março e abril daquele ano. A publicação foi editada pelo Estúdio Gráfico Garimar, com sede no Rio de Janeiro.

A capa registrava ser uma edição brasileira da “revista de guerra mais lida no mundo”. Em destaque, um soldado de uniforme verde e amarelo – mesmas cores da bandeira brasileira –, com um rifle em punho. A chamada punha em evidência também o personagem Ernie Pike, Correspondente de Guerra, e mencionava os autores da história: roteiro de Oesterheld – sem referência aos primeiros nomes dele – e desenhos de Pratt. Como se vê, a obra marcava o trabalho inaugural do desenhista italiano no Brasil.

A parceria de Pratt com Oesterheld não se limitou às histórias bélicas relatadas pelo correspondente de guerra, personagem desenhado com o rosto do escritor. As histórias foram criadas num segundo momento profissional do roteirista. Ele havia saído da Abril em 1957 para criar uma editora própria, a Frontera. Pelo novo selo, lançou as revistas *Frontera* e, meses depois, *Hora Cero*. Na troca de empregos, foi acompanhado pelos três principais desenhistas da Abril: Francisco Solano López, com quem criaria *El Eternauta*, Alberto Breccia e Pratt.

A edição brasileira de *Hora Zero* marcaria, ainda, a estreia de Solano López no país vizinho. A revista trazia também dois trabalhos desenhados por ele e escritos por Oesterheld. Um era uma história de guerra; o outro, a primeira aventura de Rolo, *El Marciano Adoptivo*. No Brasil, este foi traduzido como *Pólo*. O roteiro era de C. de La Vega, um dos pseudônimos usados pelo roteirista.

Sabe-se pouco sobre a continuidade da revista no Brasil. É de supor que tenha sido descontinuada, principalmente pelo fato de a correlata argentina ter tido destino semelhante após a venda da *Frontera* para a editora *Vea y Lea* – que continuou editando os títulos até o início da década seguinte.

Oesterheld e outros autores argentinos seriam publicados também duas décadas depois numa versão em português da revista Skorpio, editada na Argentina pela Record e no Brasil pela Vecchi. A publicação teve 12 números, lançados entre 1980 e 1981 e trazia também roteiros de Ray Collins. O criador de El Eternauta foi redescoberto no final 2008, quando chegou ao leitor brasileiro uma edição da biografia em quadrinhos de Che Guevara, desenhada por Alberto e Enrique Breccia, inédita no país. A obra foi publicada pela editora Conrad e intitulada Che – Os Últimos Dias de um Herói.

Chegada de Mafalda

Quino foi o primeiro autor argentino a ter toda a obra publicada no país vizinho. Isso ajudou a tornar Mafalda a personagem argentina mais conhecida entre os leitores brasileiros. É muito provável que o primeiro contato com ela tenha ocorrido na revista Patota, editada pela Artanova, do Rio de Janeiro, na primeira metade da década de 1970. A criação de Quino integrava o rol de tiras da publicação, que priorizava histórias vindas dos Estados Unidos. A menina contestadora, como a ela se referiu o pesquisador italiano Umberto Eco, apareceu em várias das capas. Logo na do primeiro número, ela dividia o destaque com Charlie Brown, criado pelo estadunidense Charles M. Schulz.

A chegada às livrarias se deu por meio de coletâneas, lançadas nos primeiros anos da década de 1980. Inicialmente, em edições de bolso publicadas pela Global, depois pela Martins Fontes, de São Paulo. Foi esta editora que lançou o restante das obras com a personagem, em diferentes formatos e títulos, inclusive a antologia Toda Mafalda, cuja primeira edição começou a ser vendida em junho de 1991 – ganhou anos depois uma segunda versão, com outra capa, e vem sendo sistematicamente reeditada desde então. Em 2010, a editora paulista publicou o livro 10 Anos com Mafalda, até então inédito no país.

Mafalda tem sido alvo de uma série de pesquisas de pós-graduação, em diferentes áreas. O site da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), órgão do governo federal brasileiro responsável pelo incentivo de estudos acadêmicos no país, tem cadastrados sete trabalhos com o nome da personagem no título da pesquisa, a maior parte no campo dos estudos textuais e discursivos.

O mesmo eco da personagem vale também para a área de ensino, campo em que Mafalda tem uma difusão muito forte por meio dos professores e dos livros didáticos.

Toda Mafalda é o exemplo mais eloquente. O livro foi incluído em 2006 no Programa Nacional Biblioteca da Escola, do governo federal, que compra narrativas literárias e quadrinhos para serem levados a bibliotecas escolares de todo o país. O governo compra cerca de 30 mil exemplares de cada um dos títulos selecionados.

O fim da série, em 1973, por decisão de Quino, levou o autor a enveredar pelos caminhos do cartum, reunidos, anos depois, na forma de livro. A maioria dessas obras já chegou às mãos do leitor brasileiro. A primeira foi *Quinoterapia*, lançada em 1988 pela editora L&PM, de Porto Alegre. A obra teve uma segunda edição pela Martins Fontes, que se encarregou de publicar os demais títulos do catálogo na década inicial deste século: *Cada um no Seu Lugar*; *Quanta Bondade!*; *Não Fui Eu!*; *Bem, Obrigado. E Você?*; *Potentes, Prepotentes e Impotentes*; *Sim, Amor*; *Que Gente Má!*; *Deixem-me Inventar*; *Humanos Nascemos*; *Que Presente Inapresentável!*

Intercâmbios de humor gráfico

Houve seguramente trabalhos de humor gráfico de autores argentinos publicados em revistas brasileiras, em particular nos anos 1970. Mas o intercâmbio ficou mais visível na década seguinte. Os desenhistas Roberto Fontanarrosa e Crist se juntaram ao brasileiro Neltair Rebés Abreu, que assina seus trabalhos de humor como Santiago, para publicarem o livro de cartuns *Gauchíssima Trindade*, pela editora L&PM. O que uniu as produções do trio, como o título já indicava, era o universo gauchesco, comum aos dois países e trabalhado por Fontanarrosa na figura do personagem Inodoro Pereyra e por Santiago em *Macanudo Taurino*.

Num dos álbuns de *Macanudo Taurino*, o prefácio foi feito com uma história da criação do colega argentino. Até onde se sabe, é a única narrativa de Inodoro Pereyra publicada no Brasil. Outra criação famosa de Fontanarrosa, ao contrário, chegou a ser publicada em livro, uma vez mais pela L&PM: *Boogie, El Aceitoso* foi traduzido como *Boogie, o Seboso* em obra lançada em 1988.

Tanto Fontanarrosa quanto Crist estiveram no Brasil em novembro de 1990 como convidados do 1º Encontro Iberoamericano de Humor Brasil-Argentina, realizado em São Paulo em novembro daquele ano. Eles integraram o grupo argentino com Ermenegildo Sábat, Grondona White, Tabaré Gomez Laborde, Caloi, Carlos Nine, Ceo (Eduardo Omar Campilongo), Luis Trimano, Daniel Paz e Rudy. Do lado brasileiro,

além de Santiago, participaram Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar, Fortuna, Caulos, Loredano, Chico Caruso, Angeli e Laerte.

As palestras e exposições geraram um catálogo, que trazia produções de cada um dos autores dos dois países, bem como informações sobre eles. O livro foi feito em homenagem ao cartunista brasileiro Antonio Gabriel Nássara, autor que produziu por décadas desenhos de humor na imprensa brasileira.

Outro intercâmbio ocorreu como consequência de contatos entre autores do circuito independente. Um dos protagonistas das parcerias foi o desenhista brasileiro Fábio Zimbres. Ele foi um dos viabilizadores do encontro Porto Alegre em Buenos Aires, realizado nos anos finais do século passado pela prefeitura da cidade do Rio Grande do Sul. A troca de trabalhos em quadrinhos estreitou o contato de Zimbres com os colegas argentinos Sergio Langer, Diego Bianchi e Elenio Pico.

Os frutos desses contatos se verteram em publicações. Elenio Pico e Ángel Mosquito tiveram histórias publicadas no Brasil pela coleção miniTonto, editada por Zimbres respectivamente em 2001 (Pinóquio Vai à Guerra) e 2003 (J. C. – Duas Histórias Hereges). Das conversas, surgiram também convites para os brasileiros participarem da revista argentina Lápiz Japonéz. Os contatos levaram ainda a um projeto conjunto, a revista bilíngue Olho Mágico/Ojo Mágico, publicada em 1998. A obra mesclava quadrinhos de autores dos dois países.

Da Argentina, participaram Gabriela Forcadell, Pablo Sapia, Isol, Jorh, Liniers – que então assinava Ricardo Siri – Cristian, Montenegro, Cintia Vietto, Sergio Langer, Diego Pares, Diego Bianchi, Pablo Fayó, Pablo Zicarello, Pablo Besse, Denise Turu, Lucas Nine, Dani The O, Sergio Kern, Elenio Pico, Pablo Cabrera e José Muñoz.

Do Brasil, a maior parte dos autores era do Rio Grande do Sul, foco do intercâmbio. Participaram Pedro Alice, Allan Sieber, Moa, Kyoko Yamashita, Sylvio Ayala, Eduardo Oliveira, Rodrigo Rosa, Eloar Guazzelli, Edgar Vasques, Silvios, Carlos Ferreira, Gilmar Fraga, Santiago e o próprio Zimbres.

Embora relevantes, tais parcerias foram pontuais e não tiveram segmento nos anos seguintes. A internet, no entanto, tem ajudado a aproximar os autores dos dois países. Dois casos para ilustrar. Tiras de Kioskerman, nome usado pelo desenhista Pablo Holmberg, foram publicadas em 2009 na revista independente Beleléu, editada por autores independentes do Rio de Janeiro. Kioskerman ficou conhecido na Argentina

justamente por sua produção virtual. Outro exemplo é o do paulista Fido Nesti, que teve uma história publicada na revista *Tabula Rasa*, da Argentina.

Humor periódico

Além de Quino, já citado, Liniers e Maitena foram dois outros casos de autores que tiveram boa parte da produção publicada no Brasil. Maitena teve as cinco coletâneas de *Mulheres Alteradas* lançadas pela editora Rocco entre 2003 e 2005, com boa repercussão, inclusive de mídia. A Rocco foi a responsável também pelos livros de *Superadas* e *a Planeta*, por *Curvas Perigosas*, séries que seguiram as mulheres alteradas criadas pela autora. Maitena esteve no Brasil para promover as primeiras obras.

O desenhista Nik também passou pelo país em março de 2009 para lançar o álbum *Gaturro Grandão*, com histórias protagonizadas por seu personagem. A obra foi editada pela *Catapulta*, empresa com sede na Argentina. No ano anterior, houve dois outros livros do gato publicados no Brasil. Foram duas coletâneas de tiras, produzidas pela editora V&R e lançadas na *Bienal Internacional do Livro de São Paulo*, um dos principais eventos da área editorial no país.

A popularidade de Liniers no Brasil não se compara à vista na Argentina, onde seus livros e desenhos geram um forte eco junto aos leitores. Apesar disso, o desenhista portenho conquistou espaço no país vizinho a partir da metade de 2008. Foi quando chegaram aos leitores as primeiras tiras dele traduzidas para o português. Primeiramente, na revista independente *Graffiti 76% Quadrinhos*, produzida por autores de Minas Gerais, e depois nas coletâneas de *Macanudo*, série que ajudou a tornar o desenhista conhecido na Argentina.

As coletâneas de tiras foram publicados pela *Zarabatana*, com sede em Campinas, cidade de cerca de cem quilômetros de São Paulo. A editora lançou o primeiro volume em outubro de 2008. O desenhista foi ao Brasil para autografar a obra. O trabalho rendeu a ele, no ano seguinte, o prêmio de melhor desenhista estrangeiro no *Troféu HQMix*, principal premiação da área de quadrinhos no Brasil.

A *Zarabatana* publicou outros dois livros de *Macanudo*, um em outubro de 2009 e outro em junho de 2010, e tem contrato assinado para editar *Bonjour*, livro que traz as primeiras tiras de Liniers. A editora também mantém em catálogo um álbum de *Clara da Noite*, série que tem roteiros de Carlos Trillo, publicada na Argentina e na Espanha.

Macanudo ganhou também outra janela. Desde 22 de junho de 2009, integra o grupo de séries do caderno de cultura do jornal Folha de S.Paulo, o mais vendido no Brasil. As histórias de Liniers são publicadas de segunda a sexta-feira.

Novos diálogos

De vez em quando, o mercado editorial brasileiro surpreende os leitores com algum livro vindo da Argentina. Foi o que ocorreu, por exemplo, com o álbum Perramus – Dente por Dente, de Juan Sasturain e Alberto Breccia, lançado em 2009 pela editora Globo, ou as novelas gráficas Caim e Menino-Vampiro, publicados respectivamente em 2006 e 2007. O apelo comercial das duas últimas obras não estava tanto nos roteiros – de Ricardo Barreiro e Carlos Trillo –, mas, sim, no fato de o desenhista ser Eduardo Riso, mais conhecido pelos trabalhos feitos na série norte-americana 100 Balas, também publicada no Brasil.

Há possivelmente outros exemplos aqui e ali. Mas seguramente não muito mais que isso. O passado editorial das histórias em quadrinhos argentinas no Brasil, como visto, é baseado em exemplos pontuais. Os principais expoentes da produção argentina são as traduções de Mafalda e os livros de cartuns de Quino. Na década inicial deste século, Maitena (primeiro) e Liniers (depois) também conseguiram espaço nas livrarias e nos jornais.

O ano de 2010, ao contrário, registrou uma série de novidades, que prometem diversificar os trabalhos e reduzir a barreira editorial invisível que separa os quadrinhos das duas nações. A Zarabatana, mesma editora de Macanudo, tem demonstrado um visível interesse na produção argentina deste século. Assinou contrato para publicar tiras de Batu, de Tute, e de Edén, de Kioskerman, e firmou acordo para levar ao Brasil histórias da revista Fierro.

A proposta da Fierro Brasil é ter o dobro de páginas, reunindo histórias de diferentes autores argentinos. Estão programadas também narrativas de desenhistas brasileiros. Paralelamente, a editora planeja publicar uma série intitulada Coleção Fierro, composta por histórias maiores, publicadas em capítulos na revista argentina – conhecidas como “histórias de continuar”. O volume de estreia trará Noturno, criação de Salvador Sanz.

Outra editora que anunciou novidades nesse sentido foi a Martins Fontes, que mantém em catálogo os livros de Quino. A editora assinou contrato para lançar os dois primeiros volumes de *El Eternauta*, de Héctor Germán Oesterheld e Francisco Solano López. Por mais conhecida que seja na Argentina e na Europa, a obra permanece inédita no Brasil.

Tais trabalhos, se efetivamente publicados, configuram um cenário editorial inédito, visto que os diálogos editoriais entre os dois países foram historicamente limitados e pontuais. Se dessas experiências vai surgir um intercâmbio editorial mais efetivo, isso só os anos seguintes é que poderão atestar.

Bibliografia

- BARREIRO, Ricardo y RISSO, Eduardo. *Caim*. São Paulo, Mythos, 2006.
- Beleléu. Rio de Janeiro, edição independente, 2009.
- BERNET, Jordi, MAICAS, Eduardo y TRILLO, Carlos. *Clara da Noite*. Campinas, Zarabatana, 2008.
- FAUSTO, Boris y DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)*. 2 ed. São Paulo, Editora 34, 2005.
- FONTANARROSA, Roberto. *Boogie, o Seboso 1*. Porto Alegre, L&PM, 1988.
- GOCIOL, Judith y ROSEMBERG, Diego. *La historieta argentina: una historia*. 2 ed. Buenos Aires, Ediciones de la Flor, 2003.
- GONÇALO JUNIOR. *O homem Abril: Cláudio de Souza e a história da maior editora brasileira de revistas*. Vinhedo, Opera Graphica, 2003.
- Graffiti 76% *Quadrinhos*. Belo Horizonte, publicação independente, 2008. n. 17.
- GUAZZELLI, Eloar. *Um encontro de grafismos nos pampas: breve histórico das histórias em quadrinhos na Argentina*. In: VERGUEIRO, Waldomiro y RAMOS, Paulo (orgs.). *Muito além dos quadrinhos: Análises e reflexões sobre a 9ª arte*. São Paulo, Devir, 2009. p. 133-151.
- Hora Zero*. Rio de Janeiro, Estúdio Gráfico Garimar, março/abril de 1958. n.1.
- LINIERS. *Macanudo n. 3*. Campinas: Zarabatana, 2010.
- _____. *Macanudo n. 2*. Campinas: Zarabatana, 2009.
- _____. *Macanudo n. 1*. Campinas: Zarabatana, 2008.
- MAITENA, *Superadas 2*. Rio de Janeiro, Rocco, 2006.
- _____. *Superadas 1*. Rio de Janeiro, Rocco, 2005
- _____. *Curvas perigosas 1*. Rio de Janeiro, Planeta, 2006
- _____. *Curvas perigosas 2*. Rio de Janeiro, Planeta, 2006.

- _____. Mulheres alteradas 1. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- _____. Mulheres alteradas 5. Rio de Janeiro, Rocco, 2005.
- _____. Mulheres alteradas 4: medida justa. Rio de Janeiro, Rocco, 2004.
- _____. Mulheres alteradas 3. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- _____. Mulheres alteradas 2. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- _____. Mulheres alteradas 1. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- MOSQUITO, Ángel. J. C.: Duas historias hereges. Porto Alegre, Edições Tonto, 2003.
- NIK. Gaturro grandão. Buenos Aires, Catapulta Children Entertainment, 2008.
- _____. Gaturro 1. Cotia, V&R, 2008.
- _____. Gaturro 2. Cotia:,V&R, 2008.
- Oesterheld en tercera persona. Buenos Aires, La Bañadera Del Comic, 2008.
- Oesterheld en primera persona. Buenos Aires, La Bañadera Del Comic, 2005.
- PICO, Elenio. Pinoquio vai à guerra. Porto Alegre: Edições Tonto, 2001.
- QUINO. 10 anos com Mafalda. São Paulo, Martins Fontes, 2010.
- _____. Toda Mafalda. 10 reimpr. São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- _____. Toda Mafalda. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- _____. Cada um no seu lugar. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- _____. Deixem-me inventar. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- _____. Sim, amor. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- _____. Bem, obrigado. E você? São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- _____. Quanta bondade! São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- _____. Quinoterapia. São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- _____. Não fui eu! São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- _____. Que gente má! São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- _____. Potentes, prepotentes e impotentes. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- _____. Mafalda. São Paulo, Martins Fontes, 2002. v. 10.
- _____. Mafalda inédita. 3 reimpr. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- _____. Quinoterapia. Porto Alegre, L&PM, 1988.
- Raio Vermelho. São Paulo, Abril, março de 1952. n. 31.
- Raio Vermelho. São Paulo, Primavera, maio de 1950. n. 1.
- RAMOS, Paulo. Bienvenido – Um Passeio pelos Quadrinhos Argentinos. Campinas/SP, Zarabatana, 2010.
- RIVERA, Jorge B. Panorama de la historieta en la Argentina. Buenos Aires, Coquena, 1992.
- SASTURAIN, Juan y BRECCIA, Alberto. Perramus: Dente por dente. São Paulo, Globo, 2009.
- Skorpio. Rio de Janeiro: Vecchi, fev. 1980. n. 3.
- Skorpio. Rio de Janeiro: Vecchi, mar. 1980. n. 4.

Skorpio. Rio de Janeiro: Vecchi, set. 1980. n. 9.

Skorpio. Rio de Janeiro: Vecchi, nov. 1980. n. 10.

Skorpio. Rio de Janeiro: Vecchi, dez. 1980. n. 11.

Skorpio. Rio de Janeiro: Vecchi, jan. 1981. n. 12.

TRILLO, Carlos y RISSO, Eduardo. O menino-vampiro: Infância maldita. São Paulo: Mythos, 2007. v. 1.

_____. O menino-vampiro: Consequências. São Paulo: Mythos, 2007. v. 2.

TRILLO, Carlos y SACCOMANNO, Guillermo. Historia de la historieta argentina. Buenos Aires, Ediciones Record, 1980.

Anexos



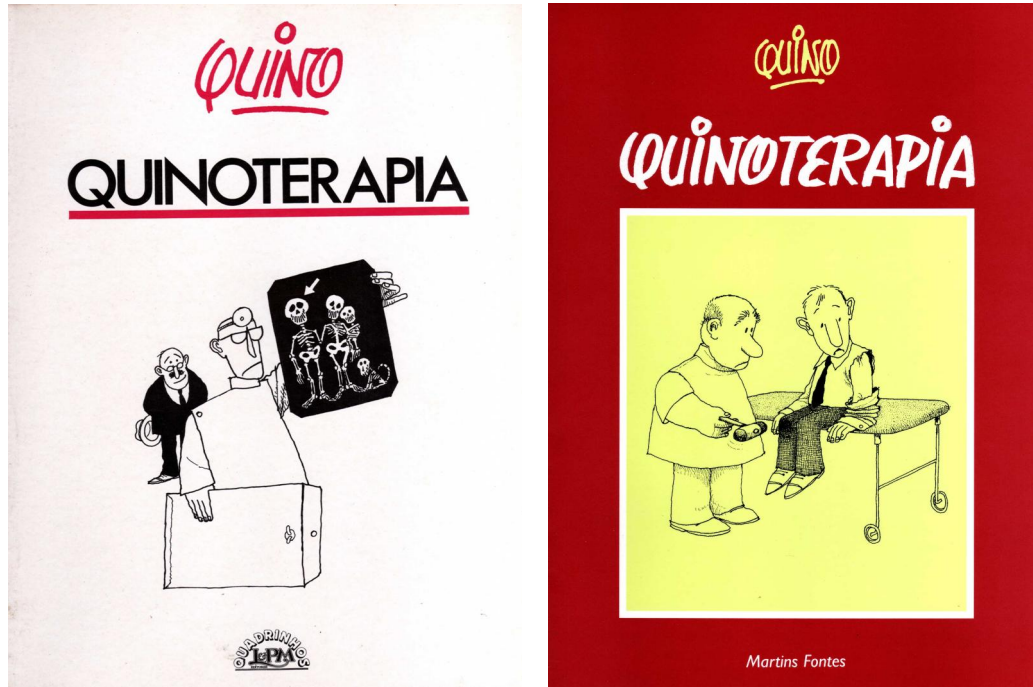
Figura 1 – Capa do primeiro número da revista Raio Vermelho, de maio de 1950



Figura 2 – Primeiro número da revista Hora Zero, de 1958



Figuras 3 e 4 – Dois momentos de Mafalda no Brasil: em Patota (dir.) e em Toda Mafalda



Figuras 5 e 6 – Capas das duas versões brasileiras de Quinoterapia, de Quino



Figura 7 – Capa do catálogo do I Encontro Latino-Americano de Humor Brasil-Argentina



Figuras 8 e 9 – As duas capas da edição bilíngue Ojo Mágico / Olho Mágico

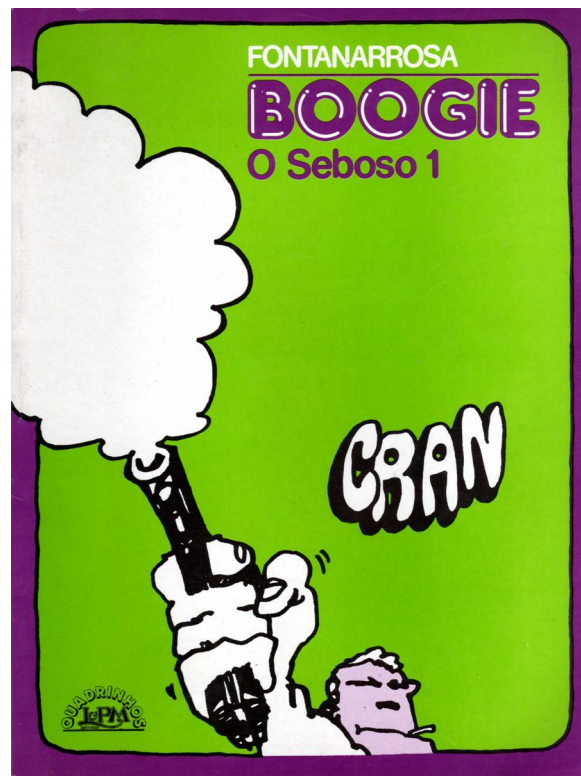


Figura 10 – Edição brasileira de Boogie, de Fontanarrosa